

O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DO BRASIL PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS EM BRASÍLIA (1967-1973)

THE PROCESS OF IMPLEMENTATION OF THE INSTITUTE NOSSA SENHORA DO BRASIL FOR DEAF EDUCATION IN BRASÍLIA (1967-1973)

Mônica Oliveira dos Santos¹

Juarez José Tuchinski dos Anjos²

Resumo: Este artigo, de cunho historiográfico, tem por objetivo investigar o processo de implantação do Instituto Nossa Senhora do Brasil (INOSEB), para a educação de surdos, em Brasília, mantido pela Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, entre os anos de 1967 (data da primeira visita das freiras à cidade) a 1973 (data da inauguração do prédio da escola). As fontes que embasam esta pesquisa, em sua maioria, foram localizadas no arquivo da instituição e são constituídas por quatro grupos de documentos: relatos escritos sobre a história da congregação, documentos institucionais, fotografias e uma notícia de jornal. Como resultado, confirmou-se a hipótese de que, a partir de uma rede de relações cultivada e ampliada desde sua chegada à capital federal e uma formação especializada para a educação de surdos de que as irmãs eram detentoras, as religiosas produziram as condições adequadas para a implantação do INOSEB naquele contexto.

Palavras-chave: Educação de Surdos; História; Brasília.

Abstract: This historiographical paper is aimed at investigating the implementation process of the Institute Nossa Senhora do Brasil (INOSEB) for deaf education in Brasília, maintained by the Congregation of the Sisters of Our Lady of Refuge in Mount Calvary, between 1967 (date of the first visit of the nuns to the city) and 1973 (date of inauguration of the school building). Most of the sources that support this study were located in the archives of the institution, consisting of four groups of documents: written reports about the history of the congregation, institutional documents, photographs, and a newspaper article. As a result, it confirms the hypothesis that from a network of relationships cultivated and expanded since their arrival at the federal capital and a specialized training for deaf education held by the nuns, the nuns produced the appropriate conditions for the implementation of the INOSEB in that context.

Keywords: Deaf education; History; Brasília.

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). E-mail: monicamonisket@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Adjunto de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (DTEF/FE/UnB). E-mail: juarezdosanjos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo, de cunho historiográfico, tem por objetivo investigar o processo de implantação do Instituto Nossa Senhora do Brasil (INOSEB), para a educação de surdos, em Brasília, entre os anos de 1967 (data da primeira visita das freiras à cidade) a 1973 (data de inauguração do prédio da escola). Trata-se de uma instituição cuja existência chega até nossos dias, sob a responsabilidade da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, ligada, portanto, à Igreja Católica. Tal instituição é uma das primeiras da cidade voltada à educação da comunidade surda e sua história ainda não foi objeto de tratamento historiográfico, sendo uma lacuna na historiografia educacional sobre Brasília que esta pesquisa intenta preencher³. A hipótese em tela é de que, a partir de uma rede de relações cultivada e ampliada desde sua chegada à capital federal e uma formação especializada para a educação de surdos de que as irmãs eram detentoras, as religiosas produziram as condições adequadas para a implantação do INOSEB naquele contexto.

A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário (também chamadas de Calvarianas) foi fundada no século XIX, na França, pelo padre Pierre Bonhomme. Por conta de uma enfermidade, o fundador levou suas congregadas a interessarem-se pela educação dos surdos, acolhendo, inclusive, as primeiras irmãs surdas na ordem religiosa (CALVARIANAS, 2022; SILVA, 2012). Em decorrência do anticlericalismo vigente na Terceira República, na passagem do século XIX para o XX, a Congregação inicia sua expansão internacional, chegando, dentre outros países, ao Brasil, em 1906 (MENDONÇA, 1996). Aqui, instalaram-se inicialmente em Minas Gerais e posteriormente em São Paulo. Neste último estado, após alguns anos dedicando-se à educação de crianças sem deficiência, criaram, em 1929, o Instituto Santa Teresinha, na cidade de Campinas, voltado à educação dos surdos (MENDONÇA, 1996). Pouco tempo depois mudaram a instituição para a cidade de São Paulo (LEONARDI, 2008)

³ Duas obras, publicadas na última década, ilustram essa afirmação. A primeira, intitulada “Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964) (PEREIRA *et al.*, 2011), aborda a história do planejamento do sistema educacional da nova capital, as escolas chamadas de “pioneiras”, as memórias da aprendizagem na nova capital (em escolas públicas) e os desafios da pesquisa em história da educação local. A segunda, “Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória” (PEREIRA *et al.*, 2018) se detém sobre a memória educativa e o futuro Museu da Educação no Distrito Federal; a profissão docente e as memórias do fazer pedagógico; o ideário de Anísio Teixeira e suas marcas na educação do Distrito Federal e as origens e contexto da formação integral do brasileiro. Como se nota, ambas se focam nas iniciativas de escolarização pública das crianças, mas nenhuma delas aborda a educação de grupos específicos, como as crianças surdas ou instituições confessionais, como é o caso do INOSEB.

onde consolidaram o trabalho com esse público escolar. Nas décadas seguintes chegaram a outros estados brasileiros e, nos anos 60, decidiram iniciar um trabalho missionário-educativo voltado aos surdos na nova capital federal, Brasília.

As fontes – evidências do passado no presente (BURKE, 2017) – que embasam esta pesquisa foram localizadas, em sua maioria, no arquivo do INOSEB. São constituídas por quatro grupos de documentos: relatos escritos sobre a história da congregação, documentos institucionais, fotografias e uma notícia de jornal (esta última encontrada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Os *relatos escritos sobre a história da congregação* são compostos por dois textos. O primeiro, intitulado “Presença Missionária das Irmãs Calvarianas no Brasil – 1906-1996” (MENDONÇA, 1996) é versão mimeografada de um livro, até onde pudemos apurar, inédito, redigido pela irmã Marlene Leite Mendonça, a modo de crônica da congregação no Brasil com alguma ênfase na experiência das religiosas no INOSEB. O segundo texto denominado “Pastoral dos Surdos de Brasília fundada em 1982 e hoje 15 de setembro comemorando 30 anos servindo e evangelizando com amor” (2012) narra, também no estilo de crônica religiosa, alguns aspectos da história da instituição. Estes textos são tomados como representações (CHARTIER, 2002) do passado da escola, construídas com o objetivo de perpetuar uma memória institucional, devendo, por isso, ser interrogados como documentos-monumentos (LE GOFF, 1990) que precisam ser “demolidos” e relidos à luz dos determinados questionamentos do historiador.

Os *documentos institucionais* constituem-se do processo de reconhecimento da instituição por parte do Conselho de Educação do Distrito Federal (PARECER, 1970). É um texto no qual se estabelecem as características das condições de planejamento e funcionamento da instituição, que embora não tivesse intenção de fazer a história, constitui-se em elemento revelador da história da instituição, oferecendo vestígios (BLOCH, 2001) de como ideias queriam ser materializadas em práticas na escola em questão.

As *fotografias* localizadas no Arquivo do INOSEB registram visualmente momentos da sua história, mas, como todas e quaisquer evidências históricas, não são expressão de uma verdade absoluta, mas de uma verdade fabricada e que deve ser interrogada. São encaradas, neste estudo, como uma forma de “representação do real, produzida em uma época (ou seja, é sempre uma representação do passado),

transpassada de valores, expectativas e imaginários, que em conjunto fornecem o significado amplo da realidade que ela quer representar.” (ANJOS, 2015, p. 271).

A notícia de jornal – recuperada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – é constituída por uma matéria publicada no diário local *Correio Braziliense*, retratando a situação do ensino de surdos em Brasília, trazendo algumas informações sobre o INOSEB. Trata-se de uma matéria que visava atender um duplo objetivo: divulgar o trabalho das religiosas em prol dos surdos e apresentar algumas das necessidades da instituição aos seus leitores. Funciona, assim, como ensina Darnton (1996), como registro e ingrediente dos acontecimentos que relata e dá a ver ao historiador.

Apresentados os protocolos metodológicos, teóricos e empíricos deste artigo, nos dirijamos, por meio da narrativa historiográfica, à Brasília de fins dos anos 1960 e meados dos anos 1970, para acompanhar o processo de implantação do INOSEB na capital federal.

A CHEGADA DAS CALVARIANAS À BRASÍLIA: TECENDO AS PRIMEIRAS REDES DE RELAÇÕES

As Irmãs Calvarianas, incentivadas pelo Padre Vicente de Paulo Penido Burnier, primeiro sacerdote surdo brasileiro e conhecedor da situação das pessoas surdas no Brasil e no Distrito Federal (CARDEAL ASSIS, 2021) decidem partir em 1967 para Brasília, tida como “Capital da Esperança”. Um documento comemorativo dos 30 anos da Pastoral dos Surdos na cidade, localizada no INOSEB, enfatizando uma dimensão mística e espiritual por trás da decisão, descreve assim esse momento:

As Irmãs Calvarianas marcaram presença “no coração do Brasil” com o objetivo da criação de um instituto para trabalhar especificamente com os surdos. Então após um tempo de oração, discernimento e escuta, é oficializada no dia 17 de junho de 1969 a fundação INOSEB-Instituto Nossa Senhora do Brasil. Irmã Yolanda Baldioti é designada para iniciar a fundação INOSEB. Chega a Brasília inicialmente sozinha, e começa os preparativos para a construção da futura sede do Instituto. (PASTORAL DOS SURDOS, 2012, s.p.)

O livro do Cardeal Assis (2021) traz a informação de que a Irmã Yolanda Baldioti fundou a comunidade em Brasília, “tendo como Irmãs de comunidade as Irmãs Celina e Ruty Paltamimo” (CARDEAL ASSIS, 2021, p. 178). Ele apresenta que o objetivo da congregação, ao vir para Brasília, “foi trazer para a nova capital do Brasil a

missão evangelizadora junto aos surdos, inicialmente por meio da educação especial.” (CARDEAL ASSIS, 2021, p. 178)

O processo decisório sobre vir à Brasília, contudo, parece ter sido um pouco mais complexo. Conforme uma das crônicas da Congregação, a Superiora Geral das Calvarianas à época, Mère Pierre du Christ, “não queria que o instituto fosse localizado no Plano Piloto, pois o achava grandioso demais”. (MENDONÇA, 1996, p.169). Antes, queria que se instalasse numa “das cidades satélites, assim chamadas as subprefeituras que circundavam o Plano Piloto, que é propriamente Brasília, a Sede do Governo e os Órgãos governamentais, formando o conjunto: Distrito Federal.” (MENDONÇA, 1996, p.169) A cidade de Taguatinga – havia oito cidades satélites existentes naquele tempo – foi pensada para ser “uma possível fundação calvariana. Ali residia Dr. Chaves, irmão de Irmã Ana Maria de Jesus, colaborador e incentivador da obra.” (MENDONÇA, 1996, p.169) Na verdade, já em 1966 Padre Vicente de Paulo Penido Burnier lançou a ideia da criação de um Instituto para deficientes auditivos, em Brasília, mas seu pedido, naquele momento, não entusiasmou a Congregação. Passado algum tempo, Padre Vicente, reforçado pelo estímulo de pessoas amigas e do Sr. Bertolino – “pai de duas alunas do Instituto Santa Teresinha” (MENDONÇA, 1996, p.169) o qual financiou a viagem das Irmãs comprando as passagens de avião até Brasília – renovou o pedido e em “resposta a tanta insistência, Irmã Yolanda, pediu licença à Madre Maria Helena da Cruz, então Superiora Provincial, para fazer uma tentativa com a intenção de desistir diante da primeira dificuldade que se apresentasse, certa das dificuldades que seriam muitas.” (MENDONÇA, 1996, p.169). E embarcou de avião para Brasília. (MENDONÇA, 1996).

Como se nota, na crônica da congregação, escrita em 1996 por irmã Marlene Leite Mendonça, as origens e as causas da vinda das irmãs à Brasília são explicadas como uma série de fatores e desencontros, desembocando, porém, numa decisão missionária da irmã Yolanda de vir para a nova capital e enfrentar, em atitude quase “heroica”, as dificuldades que ali seriam encontradas. É um tipo de narrativa típica dos relatos religiosos, que vê na mão de Deus a guia e organizadora dos acasos da história.

Em 07 de março de 1967, ainda conforme a crônica em tela, outras três Irmãs também viajaram para Brasília (MENDONÇA, 1996). “Após três longas horas de viagem, chegaram na nova capital que tinha apenas sete anos de idade, ficando hospedadas junto às Irmãs de São Vicente de Paulo na casa do Dr. Chaves, na cidade satélite de Taguatinga.” (MENDONÇA, 1996, p. 170) Em seguida procuraram o Sr. Arcebispo Dom Newton de Almeida Baptista, “a fim de pedir licença para tentar uma

fundação na Arquidiocese, porém Dom Newton encontrava-se viajando. Enquanto aguardavam a sua volta as Irmãs foram conhecer a cidade, procurar local para a possível fundação.” (MENDONÇA, 1996, p.170). A escolha inicial das irmãs por tentar uma fundação fora do plano piloto – onde se concentravam os equipamentos educacionais, conforme plano educacional proposto por Anísio Teixeira (1961) – indica um interesse em atuar junto das crianças com deficiência dos meios proletários, já que era nas cidades satélites que residia a população operária do Distrito Federal, os construtores de Brasília chamados de “candangos”. Porém, as coisas acabaram se encaminhando de outra forma, como registra a crônica escrita por Irmã Marlene Mendonça.

O Sr. Arcebispo ao se encontrar com as Irmãs as tratou de forma bastante entusiasmada e amigável – ao estar ciente que queriam instalar uma Casa numa cidade satélite, ele as sugeriu que abrissem no Plano Piloto, entretanto, Irmã Yolanda respondeu ao Arcebispo Dom Newton: “é grandioso demais, somos pobres, não temos patrimônio” (MENDONÇA, 1996, p.170). Ele teria replicado: “Eu também não tenho, mas Deus Pai tem muito” (MENDONÇA, 1996, p.170). E acrescentou às Irmãs: “(...) venham amanhã à Cúria”. (MENDONÇA, 1996, p.170). Ao fazer essa afirmação, causou “muita surpresa às irmãs, pois conhecia o desejo de Sua Exc. de que as Irmãs procuravam de preferência as cidades satélites, onde se encontravam muitas famílias de pobres e – era justamente estes que as Irmãs procuravam – pelo fato de existir no Plano Piloto grande número de religiosas”. (MENDONÇA, 1996, p.170) Então, no outro dia, “12 de março de 1967, Dr. Chaves levou as Irmãs à Cúria, onde receberam as instruções para os primeiros passos. Um processo foi feito para solicitar ao Departamento da NOVACAP, uma área para uma escola de recuperação de assistência aos surdos-mudos”. (MENDONÇA, 1996, p.170).

De novo, a crônica religiosa vai anunciando uma espécie de providência divina a guiar os passos das irmãs. Todavia, nossos olhos de historiadores, nos fazem enxergar aí algo bem mais humano: uma boa rede de relações que as Calvarianas foram tecendo ao longo do tempo, com agentes religiosos (Pe. Vicente e o Arcebispo D. Newton), familiares (Dr. Chaves, irmão de uma das freiras) e, inclusive, com um órgão do governo do Distrito Federal, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), responsável pela distribuição de terrenos na cidade. Foi graças a essa insipiente rede que puderam dar início à implantação do INOSEB.

OS PRIMEIROS PASSOS DAS CALVARIANAS NA IMPLANTAÇÃO DO INOSEB

Segundo uma das crônicas da congregação, os planos das Irmãs estavam dando certo, pois não havia impedimentos “que se podia prever. Irmã Ana Maria da Eucaristia e Irmã Ana Maria de Jesus voltaram para São Paulo e Irmã Maria Ancilla (Yolanda) ficou ainda dez dias em Brasília, seguindo a tramitação do processo que teve despacho favorável. Foi doado ao Instituto Santa Teresinha⁴ uma área de 3.000 m².” (MENDONÇA, 1996, p. 170). Dr. Chaves aceitou ser procurador das Irmãs. Achando “insuficiente o lote já doado, entrou com um recurso para a aquisição de mais um lote. Foi então que começou uma série de dificuldades e debates junto à Companhia da Novacap” (MENDONÇA, 1996, p. 170). De novo, a mediação de um dos elos da rede de relações tecida pelas irmãs se revela fundamental: a atuação do Dr. Chaves, no intuito de ampliar o terreno doado pela NOVACAP e, com isso, garantir o espaço adequado para a instalação do futuro INOSEB.

Até que no dia:

(..)7 de janeiro de 1969, o Órgão Oficial do Distrito Federal, publicou a Ata da 533ª reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora/da NovaCap, autorizando a venda de mais um lote, ficando com uma área de 6.400 m², no Setor de Edifícios Públicos Sul EQ 714/914. (MENDONÇA, 1996, p. 170).

Dr. Chaves pediu que Irmã Yolanda acompanhasse todo andamento da obra de construção e os processos de legalização dos terrenos. Mendonça (1996, p. 171) relata que Irmã Yolanda “transferiu-se então para Brasília, deixando a direção do Instituto Santa Teresinha de São Paulo. Ficou hospedada no convento das Irmãs Franciscanas, norte americanas, da Paróquia Santo Antonio, Catedral Provisória”. As Irmãs demonstraram gratidão à grande ajuda, mas também estavam preocupadas com a regulamentação da área:

Quanto devemos a essas Irmãs, bem como as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, as primeiras a nos prestarem auxílio e as Irmãs de Notre Dame, pela hospedagem e acolhimento fraterno com que nos acudiram quando, a Irmã Maria Ancilla, sozinha em casa, precisava passar meses em Brasília. Vencida esta etapa, surgia outra mais dura: legalizar a doação e a compra dos lotes, passar a escritura da área, conseguir a demarcação da mesma e pensar na construção. (MENDONÇA, 1996, p. 171)

⁴ Instituto das Calvarianas em São Paulo, do qual o INOSEB viria a ser um braço no Distrito Federal.

Logo adiante, Irmã Yolanda “procurava uma casa para ser alugada, na qual as Irmãs pudessem dar início a Obra. Madre Maria Helena da Cruz, em São Paulo providenciava uma equipe de Irmã que devia vir trabalhar em Brasília”. (MENDONÇA, 1996, p.171) As selecionadas foram: “Irmã Maria Ancilla, como superiora, Irmã Celina de Jesus, Irmã Maria de Lourdes de Jesus, Irmã Maria Madalena (surda) e Teresa de Assis uma moça surda de São Paulo.” (MENDONÇA, 1996, p. 171) Sendo escolhida a casa “o Vice-Provincial dos Padres Redentoristas, Padre Costa, sabendo da procura das Irmãs, ofereceu-lhes o Centro Social e cultural, da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Lago. Casa boa nova, onde ninguém ainda havia morado.” (MENDONÇA, 1996, p.171)

O grupo saiu de São Paulo e chegou à Brasília para instalar-se de vez:

(..) trazida pela Madre Maria Helena da Cruz acompanhada da Irmã Ana Maria da Eucaristia, no dia 25 de agosto de 1969. Após dezesseis horas de viagem, chegavam à Brasília onde aguardavam caloroso acolhimento por parte do Dr. Chaves, membros de uma família, o vigário da Paróquia, Padre Arthur Bonotti e Irmã Maria Ancilla, que chorava, de emoção e alegria. Enfim, ia ter uma comunidade, Madre Helena não cansava de agradecer a Deus por tudo que fizera por suas filhas em Brasília. E não deixou de enaltecer a perseverante intrepidez, a fé e a generosidade de Irmã Ancilla, que durante dois longos anos vinha fazendo a longa viagem: São Paulo – Brasília, lançou os fundamentos desta Obra tão difícil, em tão difícil circunstância. (MENDONÇA, 1996, p. 171)

Assim nasceu a primeira classe de surdos ministrada pela Irmã Celina, “sendo três alunos: Jaime Alberto Figueira Campelo, Teresa Cristina Figueira Campelo – irmãozinhos – e Alexandre Silva Adnet”. (MENDONÇA, 1996). Nesse período abriu-se a escola, em “9 de setembro de 1969, quatorze dias após a chegada das Irmãs.” (MENDONÇA, 1996, p. 172) E o Sr Arcebispo recebeu as irmãs de Nossa Senhora do Calvário acompanhado de Madre Maria Helena da Cruz, “que foram lhe pedir a benção, não escondeu sua satisfação e esperança.” (MENDONÇA, 1996, p. 172)

Existia uma grande expectativa de que as Irmãs realizariam “aqui um magnífico trabalho”. (MENDONÇA, 1996, p.172) Assim, o Arcebispo,

Mostrou-se feliz ao saber que uma das Irmãs vira para o trabalho Paroquial, esta: Irmã Maria de Lourdes de Jesus. Dirigiu-se ao grande mapa para mostrar o campo imenso que aguarda os operários da Boa Nova. Em seguida prometeu-se que no dia 15 de setembro, celebraria em nossa Capela e faria a ereção canônica da nossa Casa em Brasília. Infelizmente, porém foi obrigado viajar e seus planos foram transformados. (MENDONÇA, 1996, p. 172)

Ao regressar à Brasília no dia 28 do referido mês, o Arcebispo Dom Newton, foi recepcionado com muita alegria e satisfação pelas irmãs. (MENDONÇA, 1996) “Assim foi o primeiro passo, a primeira arrancada para implantação da congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário no ‘Coração do Brasil’, dentro da Capital da Esperança.” (MENDONÇA, 1996, p. 172)

Já o “segundo passo: em fins de 1969, Padre Arthur Bonotti foi transferido para a Casa dos Redentoristas de Aparecida do Norte. Substitui-o o Padre Gui, também Redentorista.” (MENDONÇA, 1996, p. 172) Mas, “este tinha uma maneira diferente de ver a permanência das Irmãs na Paróquia. Colocou dificuldades insuperáveis que obrigaram as Irmãs procurarem outro local para prosseguirem sua missão” (MENDONÇA, 1996, p. 172). Então, as crianças foram retiradas pelas Irmãs, “mas permaneceram na Casa. A escola passou a funcionar em duas salas – emprestadas – no colégio de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, das Irmãs dos Sagrados Corações”. (MENDONÇA, 1996, p. 173)

O espaço foi disponibilizado pela Irmã Silvina, “pessoa grandemente aberta e disponível, cedeu as salas com alegria”. (MENDONÇA, 1996, p. 173) A escola esteve lá por um período, até que o “Padre Célio Del’Amore, lazarista precisava de Irmãs para o seminário e para lá levou as Irmãs e a escola” (MENDONÇA, 1996, p. 173), por essa razão “a escola ficou reduzida a 6 (seis) alunos somente, devido à grande distância”. (MENDONÇA, 1996, p. 173)

No ano de 1970, “Irmã Teresa Kaminisque veio substituir Irmã Maria de Lourdes Jesus que retornava a São Paulo. Irmã Maria veio substituir Irmãzinha Maria Madalena que também ficara em São Paulo. As Irmãs Permaneceram no seminário todo ano de 70”. (MENDONÇA, 1996, p. 173) Contudo, houve desentendimentos entre os padres e mais uma vez as Irmãs precisaram deslocar-se:

Quando em fins de 1970, os problemas sérios entre Padres lazaristas que tomavam conta do seminário e o Sr. Arcebispo fecharam a escola e Irmã Maria com Irmã Catarina que se encontrava em Brasília, foram morar em Taguatinga com dona Benvinda, mãe da Madre Ana Maria de Jesus. (MENDONÇA, 1996, p.173)

Foi neste mesmo período de 1970, que receberam “Irmã Maria Ruth que veio substituir Irmã Celina que, com Teresa Kamisque mudou-se para Catanduva.” (MENDONÇA, 1996, p.173) Quando em 1971, a Superiora Provincial Ana Maria de Jesus, convidou as Irmãs Maria e Catarina para voltar à “São Paulo e Irmã Yolanda, ficou sozinha cuidando da construção da Casa própria. Irmã Yolanda morou na

comunidade da várias Congregações” (MENDONÇA, 1996, p. 173) Além disso Irmã Yolanda, hospedou-se, “no apartamento da tia Rosa, tia da Madre Ana Maria de Jesus, com a família Sarkis, proprietária do Hotel das Nações.” (MENDONÇA, 1996, p.173).

Mais uma vez – é algo que devemos reter da crônica em tela aqui interrogada – é com uma rede de relações, agora ampliada pelo apoio recebido de outras ordens religiosas instaladas em Brasília e de membros da comunidade, que o trabalho das Calvarianas conseguiu iniciar-se na cidade. Sem uma sede própria, dependeram da ajuda de congregações já devidamente instaladas e em atividade no Distrito Federal que lhes cedessem espaço físico. Congregações femininas, como as Irmãs Franciscanas e as Irmãs de Notre Dame e também congregações masculinas, como os padres Redentoristas e os Lazaristas. Nem sempre, contudo, o apoio foi constante, mas, no seu conjunto, propiciou as bases para os primeiros passos das Calvarianas para a instalação do seu Instituto. Quando faltou a ajuda dos religiosos, entrou em cena a solidariedade da comunidade local: a mãe de uma das religiosas cedendo sua própria casa para a congregação e uma família envolvida com o setor hoteleiro da capital. É um testemunho de que a rede de relações das Calvarianas ampliava-se ainda mais ao mesmo tempo em que iam desenvolvendo o trabalho educativo com as crianças surdas da cidade.

Paralelamente a esse processo, as irmãs buscaram o reconhecimento legal do INOSEB, junto ao Conselho de Educação do Distrito Federal.

VESTÍGIOS DO PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DO INOSEB

No ano de 1969 (com conclusão em 1970), as Irmãs Calvarianas, a fim de regularizar a situação do INOSEB, fizeram uma solicitação para autorizar o funcionamento do Instituto. Conforme documento localizado na instituição – o parecer de nº 96/ 70 do Conselho de Educação do Distrito Federal –, é possível recuperarmos alguns vestígios do processo legal. Lê-se no documento:

(..) Pedido de autorização para funcionamento do Instituto Nossa Senhora do Brasil, escola especial para surdos, e aprovação do curriculum vitae de sua diretora Yolanda Baldiotti (Irmã Maria Ancilla) e Areídes de Frelria (Irmã Celina de Jesus) e Theresa Kaminski. (PARECER, 1970, p.1)

Uma primeira questão abordada pelo documento é a que diz respeito às credenciais profissionais das irmãs que estariam atuando na escola. Sobre o currículo da diretora, Irmã Yolanda, o parecer traz as seguintes informações:

1- Apreciação da capacidade funcional do diretor e corpo docente.

à fls. 9 do processo consta o currículo de:

Yolanda Baldiotti- Certificados e Registros –

a) atestado de habilitação para o ensino particular (Delegacia Regional de Ensino de Campinas-S.Paulo; respectivos registros e certificados (Departamento de Educação de S. Paulo – 1939).

b) certificado de habilitação para o ensino de surdos-mudos do Instituto Santa Teresinha de S.Paulo – 1943 visando em 1963 pelo Supervisor Geral do Serviço de Educação de surdos-mudos (a fls. 21), e respectivo registro.

c) certificado de aptidão pedagógica para o ensino de surdos-mudos da Federations des Associations de Patronage de Institutione de Surds-Muets at d' Avengles de France Nantes (sic) 1958, por tese apresentada sobre fases da leitura da fala.

Funções Desempenhadas: professora no pré-primário do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Campinas (SP) 1 ano; professora de surdos no Instituto Santa Teresinha – S.Paulo – 17 anos; diretora do mesmo estabelecimento (1959 a 69); fundadora e diretora do Instituto N. S^a do Brasil em Brasília.

Além dos certificados apresentados, a fls.9 do processo cita os vários cursos feitos com pessoas altamente credenciadas, visando constante aperfeiçoamento na sua especialização. (PARECER , 1970, p.2)

Aqui, nesse currículo da Irmã Yolanda, nos deparamos com o um rico capital cultural e sua capacitação para o trabalho com surdos, onde obteve, dentre outros, certificado de instituição francesa, com “tese apresentada sobre fases da leitura da fala”. Bem provável que esse certificado tenha sido emitido pela Sede das Irmãs Calvarianas em Bourg la Reine na França, embora o documento mencione a cidade francesa de Nantes. Era comum, na prática das Calvarianas, que fossem enviadas Irmãs para França, onde recebiam formação. Entretanto o documento não deixa claro se isso aconteceu com a Irmã Yolanda por decisão da ordem ou iniciativa própria, mas testemunha que obteve “certificado de aptidão pedagógica para o ensino de surdos-mudos”. A referência ao tema de sua tese evidencia que tal especialização a capacitara para a prática da pedagogia oralista, então em voga e considerada a mais adequada para a educação das pessoas surdas. Encontra-se, ainda, nessa fonte, a informação de que antes de fundar o INOSEB Irmã Yolanda teve vasta experiência no trabalho como professora e diretora no ensino de surdos, atuando nas instituições pioneiras da congregação: o Sagrado Coração de Jesus e o Instituto Santa Teresinha. Sabia educar, mas sabia também gerir, duas aptidões desejáveis para quem seria diretora de uma instituição educacional.

Depois de especificar a formação e credenciais da diretora Irmã Yolanda, o parecer vai descrevendo também as formações das demais professoras:

Araídes de Frelria (sic) - certificado e registros: a) registro de prof. particular para o ensino de surdos do Departamento de Educação de São Paulo -2-12-63; b) certificado de habilitação para o ensino de surdos do Instituto Santa Teresinha de São Paulo, datado de 24 de dezembro de 1945 e visado em 31/10/63 pelo Supervisor Geral do Serviço de Educação de Surdos; c) declaração a fls. 38 do processo de ter frequentado o curso de foneatria (sic) ministrado pelo Dr. José Resende Barbosa e Dr. Artur Mangabeira e o curso Montessori com Pêre Port, professor francês.

Funções desempenhadas: - professora de surdos durante 18 anos no Instituto Sta. Teresinha; membro participante de semanas do excepcional, realizadas no Rio e São Paulo e em 1967 foi uma de suas diretoras; fundadora do Instituto N. S.^a de Lourdes no Rio de Janeiro e professora; membro da sociedade de Foneatria do Dr. Pedro Bloch.

Thereza Kaminski- Diploma de curso normal de grau colegial do Instituto E. E. Conde José Vicente de Azevedo de S. Paulo 1976; certificado de conclusão de curso de prof. especializados – Universidade de Sta Maria R.G. do Sul (1 ano); registro de prof. primário na Secretaria de Educação e Cultura do D.F. – 15 de maio de 1970.

A fls. 11 do processo a requerente – Yolanda Baldiotti aponta como fator positivo para a apreciação do seu currículo os muitos anos de eficiente experiência educacional que possui, salientando que a época em que iniciou o magistério, a Secretaria de São Paulo não exigia o diploma de curso normal, sendo considerado do maior interesse a utilidade imediata para a comunidade, o curso de especialização, considerado curso normal de especialização, complementado por cursos de aperfeiçoamento relativos à educação e promoção do deficiente auditivo.

2-à fls, 56; em resposta a pedido de diligência informa que o curso realizado no Instituto Santa Terezinha, durou 2 anos (1941 a 1943) e constou de aulas teóricas; trabalhos práticos e longos estágios e o conteúdo programático foi extraído da Escola Francesa de N. Fourgon e N. Toulon todo ele baseado em linguagem falada.

3-A fls. 57 do processo constam as disciplinas do curso, sendo 8 na 1^a e 6 na 2^a série.

Comparando-se o Instituto Sta Terezinha e o do Instituto Nacional de Educação de Surdos, observa-se equivalência naquelas disciplinas que objetivaram a especialização, havendo no currículo do INES as constatou na Lei Orgânica do Ensino Normal, aprovada pelo Decreto Lei 8530 de 2/1/46 o que confere ao professor especializado formado dentro dessa estrutura disciplinas, os direitos previstos naquele diploma legislativo. O programa do Instituto Sta. Teresinha visa exclusivamente a educação especial. (PARECER , 1970, p.3)

Nota-se que o currículo das Irmãs acima revela que elas eram bem preparadas para o ensino dos surdos, além também da vasta experiência como docentes. Em se tratando da Irmã Araídes de Frelria, além de longos anos como professora, teve

formação com professores franceses. A competência dessa religiosa é destacada quando nos é apresentado que a mesma foi fundadora do Instituto N. S.^a de Lourdes no Rio de Janeiro e além de docente, era membro da sociedade de Foniatria do Dr. Pedro Bloch. Conforme relata De Abreu

Pedro Bloch (RJ) e Mauro Spinelli (SP) trouxeram a Foniatria para o Brasil como especialidade médica. No Rio de Janeiro, o Instituto de Educação de Surdos (INES) ficou com responsabilidade da escolarização de deficientes auditivos, mas também tinha preocupação voltada para os problemas da voz, fala e linguagem. São Paulo ficou mais voltado para os problemas de escolaridade decorrentes da surdez, mas ambos os estados tratavam dos problemas de comunicação. Nas décadas de 40 e 50 manifestava-se a concretização do profissional especializado que era a professora, atuando na eliminação dos problemas da fala, surgindo então a palavra ORTOFOBIA que significa pronúncia normal e correta, ruído de vozes ou a arte de combinar sons, conseqüentemente a palavra Ortofonia foi substituída por Terapia da Palavra. Nesta mesma época, Pedro Bloch fez a reeducação dos problemas da fala e voz, criando o setor de Foniatria da Associação Brasileira de Reabilitação (ABBR). (ABREU, 2009, p. 12)

Ao longo da história, “a reabilitação de sujeitos Surdos esteve a cargo da educação especial que realizava, em seu espaço pedagógico, o ensino da fala a esses sujeitos, considerando as suas possibilidades de aprendizado dessa modalidade de comunicação” (NASCIMENTO e MOURA, 2018, p.3). Esse trabalho era desenvolvido “por meio de exercícios articulatórios e de compensação auditiva” (NASCIMENTO e MOURA, 2018, p.3) Acreditava-se que todos os surdos deveriam “se submeter a um processo de reabilitação” (LORENZINI, 2004, p.15), iniciando “com a estimulação auditiva precoce” (LORENZINI, 2004, p.15), visando

(...)aproveitar os resíduos auditivos que os surdos possuem e capacitá-las a discriminar os sons que ouvem. Através da audição e, também a partir das vibrações corporais e da leitura oro-facial, a criança deve chegar à compreensão da fala dos outros e, finalmente, começar a oralizar. (LORENZINI, 2004, p.15)

O currículo de Irmã Araídes, assim, indica que, além de estar devidamente preparada para o trabalho com surdos, estava inserida numa sociedade científica que tinha por característica debater o que de mais moderno havia em termos de “reabilitação” de pessoas surdas, revelando estar atualizada nas estratégias de atendimento educacional aos surdos. Sua linha de formação, inclusive, mantém-se naquela que seria a característica pedagógica do INOSEB: a oralização.

Ao final, os currículos das Irmãs foram aprovados pelo Conselho de Educação do Distrito Federal:

1º) A Instituição que forneceu os certificados de especialização é idônea, constatando-se isso pelo currículo que desenvolve pelos anos de eficiente atividade e pelo fato de ser reconhecida como autoridade pública do Estado onde se radicaliza a qual forneceu registros e visou os certificados das requerentes.

2º) Fazendo-se um estudo comparativo dos currículos do Ines e do Instituto Sta Terezinha, verificou-se que algumas das disciplinas não constantes do currículo deste Instituto são as previstas no art. 9º da lei 8530/46 que permite a formação de professores primários em dois anos intensivos.

4º) O Instituto Sta Terezinha deu mais ênfase às disciplinas que se ocupam da problemática do surdo ao passo que o Ines armou sua estrutura curricular baseada na do ensino normal, acrescida da estrutura curricular especializada.

5º) Será válido o argumento baseado no art. 116 da L.D.B. no julgamento do presente caso?

Art. 116-“Enquanto não houver número suficiente de professores primários formados pelas Escolas Normais ou pelos Institutos de Educação e sempre que se registre esta falta, a habilitação ao exercício do magistério a título precário até que cesse a falta, será feita por meio de exame de suficiência realizado na Escola Normal ou Instituto de Educação Oficial, para tanto credenciado pelo Conselho Estadual de Educação.

Ao término do exame da documentação apresentada, o INOSEB foi aprovado pelo conselho:

O relatório é favorável e enfatiza o material utilizado, visando a educação especial. Apenas chama a atenção para a necessidade de ser melhor atendida a escrituração. A entidade mantenedora do Instituto Nossa Senhora do Brasil e sua congênere de São Paulo - Instituto Santa Teresinha – e sua capacidade financeira poderá ser avaliada pelo fato de ter a Caixa Econômica efetuado o empréstimo para a construção da sede definitiva que já foi iniciada nesta Capital na Avenida W4 – Q 714/914). (PARECER , 1970, p.8)

Quanto à estrutura curricular, o parecer apresenta que o funcionamento do Instituto seria dividido nas seguintes etapas da educação: a) Jardim de Infância - de duração variável; b) Classes Preliminares: 1º, 2º e 3º nível e b) Curso Primário até a 5ª série. (PARECER , 1970). As crianças atendidas pelo INOSEB, dessa forma, tinham na instituição o seu primeiro contato com o mundo da escola e da escolarização, já que esta receberia alunos do jardim de infância à 5ª série do ensino primário (prevendo, ainda, classes preliminares, para o atendimento de necessidades específicas dos educandos). Era uma socialização entre pares, ou seja, exclusiva para crianças com surdez. O atendimento dos três primeiros anos do primário era especializado, chamado de nível 1

(PARECER, 1970) ao passo que nas séries “posteriores passa-se ao ensino comum, concomitantemente com o ensino especial” (PARECER, 1970, p. 9). Em cada classe haveria 8 alunos (PARECER, 1970), o que aponta que a escola, quando viesse a funcionar completamente com todas as séries e turmas previstas, poderia chegar a uma média de 72 alunos, sendo uma instituição de pequenas proporções para os padrões do sistema educacional de Brasília, cujas escolas públicas primárias previam receber 480 alunos em dois turnos (TEIXEIRA, 1961).

Superadas, assim, as formalidades legais, o foco das irmãs passou a estar na construção da sede própria do INOSEB, como veremos a seguir.

A CONSTRUÇÃO DA SEDE DO INOSEB: CONSOLIDANDO AS REDES DE RELAÇÕES

A edificação do INOSEB ocorreu de 1971 a 1973. Conforme uma das crônicas “os trabalhos da construção foram acelerados, cursistas, amigos e simpáticos à Obra ajudaram muito, organizando promoções, beneficentes: filmes, chá, jantar, etc, para conseguir dinheiro” (MENDONÇA, 1996, p.173). A fotografia abaixo, tirada em 1971 aproximadamente, retrata um desses momentos de angariação de recursos para a construção: (Figura 1)



Figura 1 – Irmã Yolanda recebendo um cheque para a construção do INOSEB

Fonte: Acervo do INOSEB

A intencionalidade do fotógrafo parece ter sido a de registrar um flagrante de solidariedade da sociedade brasileira para com as Calvarianas e sua obra. Na fotografia, vemos um senhor de terno e gravata entregando para Irmã Yolanda o que parece ser um cheque – ou seja, doação financeira. O ato da entrega foi solenizado com a participação e assistência de algumas alunas – não sabemos se do INOSEB ou do Colégio Notre Dame, que, como vimos, acolheu as irmãs e sua escola provisoriamente nessa mesma época – que, junto com outros quatro adultos não identificados (dois homens e duas mulheres), posam para o retrato que fixaria para a posteridade, agora através de uma imagem, a eficaz rede de relações estabelecida pelas irmãs, possibilitando-lhes o vil metal para a efetivação do seu intento de construção de uma escola para surdos em Brasília.

Conforme outra crônica da Congregação, com o avanço da construção do prédio do INOSEB, enquanto não era concluída, as Irmãs puderam contar com algumas “pessoas solidárias que cederam o espaço para que a educação de surdos não parasse. Entre esses espaços está o salão paroquial da Igreja Cura D’ Arcs e as Irmãs do Colégio Notre Dame”. (PASTORAL DOS SURDOS..., 2012, s. p.) Uma fotografia localizada no INOSEB apresenta os alunos com as irmãs nesse colégio:

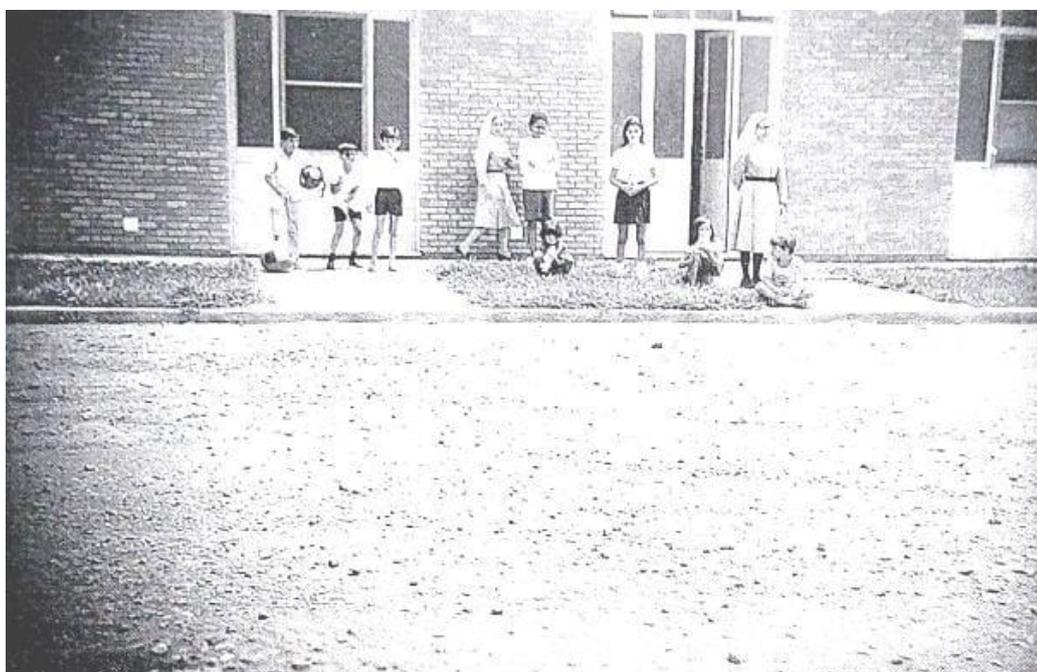


Figura 2 – Flagrante das religiosas e alunos no pátio do Colégio Notre Dame

Fonte: Acervo do INOSEB

A fotografia acima recortou do passado uma representação do cotidiano educacional propiciado pelas Calvarianas às crianças surdas. Vemos oito crianças sendo atendidas por duas religiosas, de hábito. Os três meninos à esquerda parecem estar no intervalo de uma brincadeira com bola, enquanto os demais sugerem estar descansando de alguma atividade realizada no momento anterior ao corte fotográfico. Uma das irmãs se movimentou na hora da pose, como que caminhando em direção à porta aberta, talvez, rumo a algum afazer. A outra freira posa entre duas crianças, embora mantenha o olhar para algum ponto fora do campo da foto. No conjunto, a imagem congela no tempo um instante do trabalho educativo do INOSEB, realizado pelas freiras e sua pertinácia mesmo sem ter ainda sua sede própria, fazendo da fotografia, hoje arquivada, testemunho dessa atuação.

Em 1972, uma reportagem do *Correio Braziliense*, “Ensino de Surdo reclama auxílio” (1972, p.38), descreve como foi esse período de espera pela concretização da construção do INOSEB:

Até o início do ano que vem as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, responsáveis por uma das obras de maior alcance social de Brasília – a escola para crianças com deficiência auditiva – esperam concluir a primeira etapa das instalações próprias do Instituto Nossa Senhora do Brasil, situado entre as quadras 714/914 Sul (W4). Tudo vai depender da colaboração da população brasiliense. Especializadas na educação de crianças surdas-mudas, as Irmãs chegaram à Capital em 1969 e se instalaram provisoriamente, na paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Lago e no Seminário Nossa Senhora de Fátima, onde atendiam normalmente vinte cinco alunos, mas estendia a sua assistência a cerca de quarenta, principalmente a crianças oriundas da antiga Vila do IAPI, através do método de visitas a domicílio, já que os meninos não possuíam condições de locomoverem. Dirigidas pela Irmã Yolanda Baldiotti, as Irmãs de N.S.Calvário, em número de quatro, desenvolveram suas atividades utilizando-se do método de educação auditiva e fonética de terapia da fala, através de aparelhos eletrônicos específicos. Dessa maneira as crianças submetidas a esse método aprendem a falar fazem todo curso primário podendo esse após a conclusão, receber iniciação profissional, integrando-se, portanto, na sociedade, como criaturas úteis e ajustadas. Em virtude de não possui sede própria, o Instituto para crianças surdas-mudas tem lutado com sérias dificuldades. (CORREIO BRAZILIENSE, ENSINO DE SURDO RECLAMA AUXÍLIO, 1972, p.38)

O trecho acima revela que o trabalho das Irmãs em Brasília tinha um cunho social bastante relevante, além da preocupação com a educação dessas crianças – ocasionada pela distância e não conseguirem chegar até à escola – existia uma dedicação pela obra de caridade, por meio de visitas às residências desses alunos. Mais

do que instrução do ensino, que era oferecido aos alunos surdos, existiam também conforme relata o jornal, ajuda às famílias necessitadas da antiga Vila do IAPI, uma ocupação irregular que foi “removida para Ceilândia, [localidade que] apresentou queda na qualidade de vida, uma vez que o local para onde os moradores foram destinados não possuía o mínimo de estrutura básica” (OLIVEIRA, 2007 p. 11).

Quanto “(...) à questão social, a mudança da Vila IAPI para a Ceilândia ocasionou significativa redução de renda nas famílias. Por ser muito distante do Plano Piloto, a locomoção ficava mais cara para o centro ofertador de serviço” (OLIVEIRA, 2007, p. 104). Podendo nos revelar, que muitas dessas crianças estavam em situação de vulnerabilidade, tendo em vista que devido a mudança para a Ceilândia, podem ter sido acentuados “os índices degradantes de violência, alcoolismo, prostituição, tráfico e desesperança” (OLIVEIRA, 2007, p. 106), a ponto de, no olhar retrospectivo próprio do historiador, sabermos que “em menos de dez anos a Cidade Satélite criada para resolver os graves problemas sociais das Vilas-Invasões, se destacou com o maior índice de criminalidade de todo o Distrito Federal” (OLIVEIRA, 2007, p. 106). Assim, sob forte apelo social, a reportagem apresentou ao leitor, também a obra assistencialista dessas religiosas.

As Irmãs Calvarianas mantinham a sobrevivência do Instituto por meio de doações, por essa razão, sofriam grandes dificuldades, pois dependiam dessas ajudas. Percebe-se na reportagem que isso as trazia certa frustração, pois almejavam o término o quanto antes da construção da escola. Existia então por parte das irmãs, uma preocupação com a obra que era morosa, pela falta de recursos e também pelas necessidades dos alunos. Por essa razão, presumimos que as religiosas procuraram o *Jornal Correio Braziliense* para solicitar auxílio para divulgação, correndo inclusive o risco de fechar o estabelecimento caso não conseguissem a ajuda tão esperada.

Sobre o modelo de educação de surdos ministrado na escola, a reportagem confirma uma vez mais que era uma educação oralista, isto é, preocupada com o desenvolvimento da fala por partes das crianças surdas. Embora esse modelo seja fortemente rejeitado na atualidade, era a proposta pedagógica mais aceita à época para a educação de surdos, o que confirma, mais uma vez, a atualização pedagógica das Calvarianas nesse ensino especializado.

O periódico segue relatando que ainda estava em fase do processo de construção da primeira etapa do INOSEB:

No momento, enquanto as irmãs tentam angariar recursos para conclusão da primeira etapa da obra (quatro salas de aula e um pequeno internato) as crianças são atendidas no Salão Paroquial da Igreja Cura Santo D'Arç na 914 em caráter precário e provisório. Num levantamento feito as Irmãs constataram a existência de 250 a 300 crianças em Brasília com deficiência auditiva e que precisam de assistência especializada. Algumas estão matriculadas em escolas especiais do governo, outras sem nenhuma assistência, assim torna-se necessário a conclusão das instalações do Instituto e obra. As Irmãs lançam um apelo a toda a população brasiliense afim de contribuírem para o andamento e conclusão da obra. Em entrevista com Irmã Yolanda, ela aponta que o ideal para crianças, na convivência com outras sadias é progredir mais e integrar com mais facilidade na vida da comunidade. A expectativa é que quando o Instituto esteja concluído sua primeira etapa, poderá receber em média de 25 a 30 alunos e trabalhará em convênio com a Assistência a Secretaria de Serviços Sociais e a Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, afim de que possa assistir de igual maneira não só àqueles que tem condições de custear suas despesas como aqueles que não dispõem de recursos. A escola recebeu recentemente da Divisão de Educação Complementar do MEC, três conjuntos eletrônicos para educação auditiva que havia chegado de São Paulo. (CORREIO BRAZILIENSE, ENSINO DE SURDO RECLAMA AUXÍLIO, 1972, p.38)

A atitude das Irmãs em recorrer ajuda ao Jornal *Correio Braziliense* demonstra a intenção de conseguir alguma ajuda financeira por meio da divulgação de sua obra assistencialista e expandir o atendimento às crianças surdas. Sugere-se com isso, que mesmo existindo algum atendimento por parte do governo, não era suficiente o suprimento dessa demanda, tendo em vista o alto índice de crianças com deficiência auditiva em Brasília nessa época. Percebe-se também, que existia por parte do governo um convênio junto ao órgão competente de educação do Distrito Federal e a doação de recursos eletrônicos oriundos de São Paulo/MEC, visando otimizar o trabalho educativo das religiosas, novamente, pelo viés da oralização.

Na fotografia a seguir (Figura 3) vemos retratado o momento de construção dessa primeira etapa do prédio a que se refere o jornal. Irmã Yolanda parece fixar o seu olhar para o horizonte. Esse olhar, talvez, tenha querido representar sua esperança no futuro, que estava sendo preparado naquele momento, pela construção do edifício. Os dois homens, que parecem ser operários, ajudam a compor a cena: enquanto um deles para e posa para a fotografia, o outro continua seu trabalho, como que a sugerir ao expectador da imagem que o que fazia – a construção do INOSEB – era urgente e não podia esperar.



Figura 3: Construção das salas de aula e um pequeno internato- 1ª etapa do INOSEB

Fonte: Acervo do INOSEB.

O apelo das irmãs através do *Correio Braziliense* somado a outras iniciativas já mencionadas, parece ter surtido efeito. Em 02 de março de 1973, foi inaugurada a sede do INOSEB, quando sua equipe, “as Irmãs: Miriam (Helena C. Croda), Clotilde e Ancilla (Yolanda) entraram, definitivamente em casa nova. Nesse ano tiveram 18 alunos e quatro professoras: Irmã Miriam, Francisca Perdigão, Maria do Rosário e Dalva de Carvalho, esta última voluntária”. (MENDONÇA, 1996, p. 173)

Na fotografia abaixo (Figura 4), vemos a família Chaves – colaboradores da primeira hora cujo chefe, Dr. Chaves, era irmão de uma das religiosas e procurador da Congregação – ajudando a colocar a 1ª placa de identificação do Instituto Nossa Senhora do Brasil:



Figura 4: Família Chaves, colaboradores do INOSEB, ajudando a colocar a 1ª placa de identificação do Instituto.

Fonte: Acervo do INOSEB

Chama a atenção nessa foto o senso de coletividade envolvido no momento do registro: um trabalho voluntário de pessoas que se sentiam solidárias a ajudar as religiosas. A fixação da placa que identifica o território da Escola Especializada de Recuperação e Assistência aos surdos-mudos nos denota ao tipo de educação oferecido naquele período, a qual visava recuperar o surdo. A obra das Irmãs também pretendia dar assistência às famílias e aos alunos, por meio de visitas às casas das famílias, ensino para os surdos-mudos e apoio psicopedagógico aos alunos. Mais do que fotografar uma placa com dizeres de identificação, a foto congela no tempo uma espécie de tomada de posse do terreno onde estava levantada a sede do INOSEB na capital federal, resultado de um processo iniciado alguns anos antes.

Um último registro fotográfico é revelador de como as irmãs conseguiram efetivar a instalação do Instituto Nossa Senhora do Brasil: por meio de uma rede consolidada de colaboradores (Figura 5):



Figura 5: Inauguração da Sede do INOSEB

Fonte: Acervo do INOSEB

Vemos, representadas na fotografia, 75 pessoas, em sua maioria, mulheres. O padre, no canto esquerdo, era Vicente Burnier, o incentivador da vinda das religiosas para Brasília. No centro, vemos duas freiras calvarianas (uma delas, Irmã Yolanda). Fora esses religiosos, são 72 os leigos, membros da sociedade brasiliense, posando para o fotógrafo. Ou seja, temos diante dos olhos o testemunho da ampla rede de relações que propiciou a instalação do INOSEB e a construção de sua sede em Brasília, uma rede iniciada com poucas pessoas e, agora, exponencialmente maior, cuja colaboração, tida por essencial pelas religiosas, pode ter sido o motivo da fixação no tempo daquele momento em que todos se alegravam pelos resultados do trabalho coletivo, articulado pelas irmãs: a inauguração do prédio do Instituto Nossa Senhora do Brasil, fruto do capital educacional e das redes de relações que as calvarianas souberam cultivar e do capital cultural para a educação de surdos que estas possuíam.

A MODO DE CONCLUSÃO

Ao término deste artigo e da narrativa histórica nele tecida, foi possível, com base nas evidências disponíveis e interrogadas, confirmar a hipótese de que a partir de uma rede de relações cultivada e ampliada desde sua chegada à capital federal e uma formação especializada para a educação de surdos de que as irmãs eram detentoras, as religiosas da Congregação de Nossa Senhora do Calvário produziram as condições adequadas para a implantação do INOSEB naquele contexto. Com efeito, desde sua chegada à Brasília, investiram na consolidação de uma rede de apoio ao mesmo tempo em que souberam utilizar-se de seu capital educacional para lograr o reconhecimento da sua instituição, *pari passu* à construção do edifício que a abrigaria.

Para além das explicações aqui elaboradas, algumas questões merecem aprofundamentos em estudos posteriores: como se deu, na prática, o trabalho educativo das calvarianas com os surdos em Brasília? A rede de relações que construíram continuou a dar base ao seu trabalho educativo na cidade? Até que ponto a formação das irmãs foi decisiva para sua prática educativa no contexto mais amplo da educação de surdos em Brasília? São questões pertinentes, mas, para as quais, a documentação aqui compulsada não oferece maiores respostas. Todavia, ainda há muito o que se explorar no acervo no INOSEB e em sua história, sendo provável que investimentos futuros permitam a formulação de respostas a essas questões aqui enunciadas. O trabalho ora

encerrado constitui-se, nesse sentido, numa primeira contribuição para o debate historiográfico sobre a educação dos surdos na capital federal.

REFERÊNCIAS

ABREU, I. S. K. **O processo de aprendizagem do surdo e suas dificuldades.** (Monografia de Especialização). Universidade Cândido Mendes, 2009.

ACERVO DO INOSEB. **Fotografias 1, 2, 3, 4 e 5.**

ANJOS, J. J. T. Desfiles cívico-escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. **Acta Scientiarum.** Maringá, v. 37, p. 269-276, 2015.

BLOCH, M. **A apologia da História ou o Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, P. **Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CALVARIANAS, 2022. Disponível em: <
<https://calvarianas.org.br/missões/educação/>>. Acesso em 29/11/2022.

CARDEAL ASSIS, R. D. **A Igreja Católica em Brasília nos seus primórdios.** Brasília: Edições da CNBB, 2021.

CHARTIER, R. **O mundo como representação.** Lisboa: Difel, 2002.

DARNTON, R. Introdução. In: DARNTON, R.; ROCHE, D. (orgs.) **Revolução impressa: a imprensa na França 1775-1800.** São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-20.

ENSINO DE SURDO RECLAMA AUXÍLIO. **Correio Braziliense.** Brasília, 3 ago. 1972, p. 38.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos.** Memória, imagens e trabalho: congregações católicas francesas em São Paulo. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

LORENZINI, N. M. P. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental.** (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

MENDONÇA, M. L. **Presença missionária no Brasil – 1906-1996 – 90 anos da presença missionária Calvariana no Brasil.** Brasília: 1996, *mimeo*.

NASCIMENTO, V.; MOURA, M. C. Habilitação, reabilitação e inclusão: o que os sujeitos surdos pensam do trabalho fonoaudiológico? **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis, v. 52, 2018, p. 1-19.

OLIVEIRA, T. M. G. **A erradicação da Vila IAPI:** marcas do processo de formação do espaço urbano de Brasília. (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

PARECER do Conselho de Educação do Distrito Federal. Brasília, 1970.

PASTORAL DOS SURDOS de Brasília Fundada em 1982 e hoje 15 de setembro... comemorando 30 anos, servindo e evangelizando com amor. Brasília, 2012, *mimeo*.

PEREIRA, E. W. *et al.* (org.) **Anísio Teixeira e seu legado à educação no Distrito Federal:** história e memória. Brasília: Editora da UnB, 2018.

PEREIRA, E. W. *et al.* (org.) **Nas Asas de Brasília:** memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011.

SILVA, C. A. A. Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política. **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 13-38, 2012.

TEIXEIRA, A. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.